

Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade

Helena Centeno Hintz *

Resumo

Este texto aborda, inicialmente, alguns aspectos pertinentes às famílias no século XX. A família do início desse século configurou-se com características de hierarquia, sendo a figura masculina detentora do poder, apoiado no baluarte econômico e no seu papel exercido na sociedade.

Na segunda metade do século, por influências sociais, políticas e econômicas, a família passou por modificações acentuadas, contribuindo em grande parte para isto o surgimento de uma nova perspectiva sobre as questões de gênero. A condição feminina foi se modificando e, concomitantemente, houve mudanças também no papel masculino, gerando reformulações na relação conjugal e, naturalmente, na relação pais-filho.

Com a emergência de novas tecnologias que passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, mais rapidamente novos comportamentos são adquiridos, surgindo novas necessidades e expectativas.

Estes e outros fatores vão se agregando e contribuindo para que a estrutura familiar tradicional - pai, mãe e filhos - não seja a única forma de relacionamento familiar, abrindo-se um espaço significativo a outras configurações familiares.

Abstract

At first the text approaches some crucial aspects of the XX Century families. The typical family of the beginning of this Century has been framed with hierarchy features where the masculine figure was the detainer of the power, although he himself has been supported by the economic bastion and his role within the society.

*Psicóloga, psicoterapeuta individual, de casal e família

Especialista em Psicologia Clínica

Membro da equipe de coordenação do DOMUS- Centro de Terapia de Casal e Família

Coordenadora do Corpo Clínico do DOMUS e da Comissão Editorial da Revista Pensando Famílias

Sócia Fundadora da AGATEF

Membro associado da IFTA

E-mail: hchintz@terra.com.br

On the second half of the Century, the family has experienced strong modifications in its structures, due to social, economic and politics influences, what greatly have contributed for the sprouting of new perspective on gender questions.

The feminine condition also has been modifying along with huge changes occurred in the masculine role. Consequently it generated reformulations within the conjugal and parent-child relationship.

With the blooming of new technologies what start to be part of people everyday life, quicker and qlicker new behaviors was acquired claiming for new needs and expectations.

These and others factors had a great contribution so that the traditional familiar structure - father, mother and children - could not be the unique familiar relationship, but it gives birth to a relevant place to others familiar patterns.

Já há algum tempo, tenho ouvido a afirmação que a família que conhecemos, irá desaparecer.

Refletindo sobre esta afirmação, pergunto-me de que família estamos falando?

O que, na verdade, pensamos que não existirá mais?

Analisando o que ocorre hoje, usamos como parâmetros o que aconteceu no passado, e, revendo o passado, constatamos que sempre houve famílias, pessoas que, de alguma forma estabeleceram vínculos importantes. que podemos chamar de vínculos familiares.

O estabelecimento de vínculos é pertinente ao ser humano. A sua constituição iniciou há cerca de 4 milhões de anos e continuará por milhões de anos à frente. Desta forma, o tema família está muito intimamente ligado à nossa vida quotidiana, sendo por isso tão atraente e importante.

Para a compreensão do significado da família busca-se subsídios em várias disciplinas tais como a psicologia, biologia, antropologia social, sociologia e demografia. O indivíduo, como ser biopsicossocial, está inserido no meio ambiente, fazendo parte da cultura com suas particularidades e modos de vincularidade, portanto, a família, composta de indivíduos. tem que ser entendida dentro do contexto cultural ao qual pertence.

A instituição familiar tem passado por várias modificações decorrentes de mudanças havidas no seu contexto sócio-cultural e. por ser uma instituição flexível, ela tem se adaptado às mais diversas formas de influências, tanto sociais e culturais como psicológicas e biológicas, em diferentes épocas e lugares. Ao considerarmos a evolução família no tempo, devemos considerar aspectos. tais como: demografia, vida privada, papéis familiares, relações estado-família, lugar, parentesco, transmissão de bens, ciclo vital da família e rituais de passagem.

Seja de que forma for, ampliada ou nuclear. elementar ou complexa, a família foi e seguirá sendo família. sempre que forem preservadas suas funções: vínculo matrimonial com o objetivo da satisfação sexual e a educação dos filhos. Assim continua sendo o lugar de proteção, de socialização e de estabelecimento de vínculos.

Alguns aspectos evolutivos da família

Na análise evolutiva da família, verificamos que de uma estrutura de hierarquia, a família tende para uma estrutura de igualdade (Vaitsman, 1994). Esta modificação fundamentou-se, inicialmente, na questão do poder. Na família hierárquica, o homem detinha o poder de mando, controlando todos os membros da família, a qual apoiava-se no poder econômico daquele. À mulher cabia o espaço doméstico, onde exercia seu poder, mas permanecendo à sombra do dono da casa, senhor absoluto. Somente em 1943, segundo a legislação brasileira, a mulher casada passou a ter o direito de trabalhar fora de casa sem a necessidade da autorização do marido, desde que este não pudesse prover sua subsistência ou a de seus filhos.

A sexualidade do casal era vivenciada de forma diferente, o homem tinha uma liberdade sexual ampla e estimulada, enquanto a mulher devia manter-se fiel ao marido. Até há pouco tempo, as mulheres não tinham autonomia. No início do século XX, era freqüente as mulheres serem analfabetas, tendo adquirido direito ao voto em 1934. Em 1960, a mulher era considerada *relativamente capaz* e somente em 1962, o Estatuto da Mulher no Brasil tirou a mulher desta condição (Guimarães, 2001, informação oral).

Os valores familiares estavam fundamentados no desempenho profissional do homem, na parte econômica e nas qualidades morais. O indivíduo era considerado em relação aos êxitos que sua família conquistava, centrando-se nesta o foco das atenções.

Nas famílias hierarquizadas, havia um posicionamento distante nas relações entre pais e filhos, mantido por ambas as gerações, justamente para se firmar a hierarquia entre os membros da família. Os assuntos familiares importantes eram tratados entre os pais sem a presença dos filhos. A aproximação física como manifestação de afeto era resguardada e contida. A aproximação constava de rituais formais e distantes, para confirmar o respeito dos filhos pela posição dos pais.

Após as duas guerras mundiais e a revolução industrial, a família, nas décadas de 50 e 60, passou por modificações acentuadas. Houve um maior incentivo em privilegiar mais o indivíduo, com seus valores e capacidades do que sua posição social, gênero ou idade. A família de características hierarquizadas foi se estruturando como uma família onde os conceitos de igualdade passaram a predominar, contribuindo para isso o surgimento de uma nova perspectiva sobre as questões de gênero. A família moderna após a industrialização, passou a ter maiores possibilidades de se constituir através da livre escolha dos cônjuges fundamentada no amor conjugal. Passou-se a dar mais importância à realização pessoal na união conjugal, tendo o afeto, muitas vezes, o poder de direcionar as decisões pessoais.

As diferenças de gênero do casal são mantidas, com suas atribuições específicas. As relações entre os membros do casal tornaram-se mais semelhantes relativamente às questões do exercício de "mando". Houve uma reformulação dos papéis masculino e feminino na relação conjugal, o que propiciou o surgimento de novos modelos de comportamento para ambos os gêneros, tendo o movimento feminista contribuído de forma significativa para que isso ocorresse.

Após o surgimento da pílula anticoncepcional, na década de 60, a mulher passa a poder controlar a procriação de forma mais segura, permitindo-se uma maior liberdade sexual, o que também lhe possibilita conquistar novos espaços fora de casa e entrar no mercado de trabalho (Bucher, 1999; Meler s.d.; Vaitsman, 1994). A sexualidade passa a ser percebida com maior naturalidade e a questão da fidelidade torna-se um compromisso compartilhado pelo casal, porém com mais possibilidades de ser rompida por ambos os cônjuges, tornando as uniões menos duradouras.

Vários aspectos vão sendo transformados ou conquistados, tais como, a busca por decisões compartilhadas. não somente sobre questões dos filhos, mas também nas atividades administrativas e financeiras da família. Os direitos e deveres, gradativamente, vão se tornando recíprocos.

As relações entre pais e filhos modificam-se, havendo uma maior possibilidade de diálogo entre as gerações, com expressões de afeto mais explícitas.

Em seu processo evolutivo, a família também modificou-se quanto ao número de membros pertencentes ao sistema: de uma família extensa do início do século XX, onde conviviam pais, filhos, parentes por consangüinidade ou por afinidade e empregados, passou a ser, na segunda metade desse século, uma família denominada nuclear, onde, preferentemente, convivem pais e filhos. Devido a questões sociais e econômicas, o modelo anterior foi se transformando e predominando a configuração na qual apenas os pais responsabilizam-se por seus filhos, diminuindo a rede de apoio da família extensa. Fatores emocionais e culturais também contribuíram para que a família privilegiasse este tipo de configuração, resultando em maior distanciamento das famílias de origem. Esta nova família passa a habitar sozinha um espaço, o qual permite estabelecer uma separação adequada de suas famílias de origem, com as quais deve manter relações afetivas, mas não de dependência, procurando evitar que as famílias de origem interfiram em suas decisões.

Sem dúvida, diversos fatores externos ao grupo familiar advindos das modificações cultural e econômica, da aquisição tecnológica. de novos valores sociais e religiosos levaram à modificação da estrutura familiar, provocando nos indivíduos a necessidade de se adequarem internamente. reformulando seus valores familiares e individuais.

Evidentemente, as famílias não se apresentam de forma tão clara em suas características. Não podemos deixar de considerar que o relacionamento humano é permeado de emoções, vontades, decisões que nem sempre são diretamente aceitas pelo outro. O indivíduo que pertence a um núcleo familiar, possui uma vida intrapsíquica que lhe confere características individuais, que podem estar em desacordo com a maneira de ser de um outro membro de sua família. Justamente por existir a subjetividade é que o relacionamento humano torna-se tão rico e envolvente, conferindo ao sistema familiar características próprias. Laing (1983), ao falar sobre as funções que a família desempenha. referindo-se às relações entre os membros de uma família, escreve: “... a família com estrutura fantástica, determina entre os membros de uma família relações de tipo diferente das de pessoas que não partilham a mesma interiorização. A ‘família’ não é um objeto interiorizado, mas sim um conjunto de relações que foi interiorizado.” Este conjunto de relações forma padrões de relacionamento que se integram ao subjetivo do indivíduo, que vem a desenvolver e assimilar um sentido de grupo.

Novas interferências na família

Na segunda metade do século XX, foram se revelando novos pensamentos e posturas, os quais proporcionaram mudanças de valores, o que caracteriza a cultura pós-moderna.

Frente à necessidade econômica, a mulher passa a trabalhar fora com a finalidade de aumentar a renda familiar. Aos poucos sente necessidade de ampliar seu campo de trabalho e passa a participar de atividades educativas, profissionais, culturais, artísticas e políticas. A mulher passa a ingressar em maior número nas universidades, ampliando seu campo de trabalho e levando-a a passar mais tempo fora de casa.

Com a saída dos pais de casa para exercerem suas atividades profissionais, surgiram as creches como solução para o cuidado dos filhos pequenos. Este cuidado, em algumas situações, também passou a ser realizado pelas pessoas de mais idade da família, geralmente os avós, que, sem o poder anterior exercido, passam a ter a tarefa de cuidar dos netos enquanto seus pais não estão presentes. A educação das crianças passa, então, a ser exercida não somente pelos pais, o que pode ser fonte de conflitos. A família, com uma estrutura menor, recebe interferências externas, positivas ou negativas, com as quais está constantemente interagindo.

A invasão de elementos ou objetos resultantes do avanço tecnológico, que fazem parte do cotidiano das famílias é intensa. Computadores, laptops, Internet, e-mail, telefones celulares, NET, e tantos outros, contribuem para desafiar e modificar o relacionamento e a comunicação familiares. As pessoas têm que reformular seus significados e valores, o tempo despendido no convívio familiar, fazer novas escolhas de lazer, rituais diários, interação entre pais e filhos e, inclusive, reformular sua privacidade e intimidade.

Ao observarmos as duas últimas décadas, constatamos como a vida das pessoas modificou-se, às vezes, de forma suave, outras, nem tanto.

Há aproximadamente oito anos, o telefone celular era introduzido no Brasil, permitindo que as pessoas sejam encontradas a qualquer momento. Os pais, à distância, podem saber onde os filhos estão ou o que precisam, por exemplo.

O fácil acesso à Internet permite que pessoas que não se conhecem, passem a conversar dentro de suas próprias casas, o que pode interferir na privacidade e na intimidade da família.

A mesma tecnologia que deve ser utilizada como instrumento para facilitar e melhorar a qualidade de vida, pode causar dificuldades no relacionamento entre pais e filhos. Encontramos famílias nas quais os pais ficam um pouco intimidados frente aos filhos, por não entenderem tão bem o manejo do computador. Aparentemente, mostram-se orgulhosos de como seus filhos aprendem facilmente a mexer no computador, mas esta satisfação, freqüentemente, encobre uma dificuldade de dar limites no seu uso.

Freqüentemente, o computador pode ser ponto de discórdia entre os pais, quando um, por interessar-se mais, capta mais facilmente a atenção do filho do que o outro, que fica colocado mais à distância. Um pai, buscando a aproximação com o

filho, disse: “...como eu fico mais tempo na rua do que ela (a mãe), quase não consigo falar com meu filho, mas agora eu mando recados para ele via Internet e temos nos divertido muito, tanto que quando chego em casa, ele larga tudo correndo para ficarmos os dois no computador ou jogando, ou na Internet conversando com outras pessoas. Pena que ela não queira ficar junto.”

Ao mesmo tempo, há casais separando-se por interferência da própria Internet, tendo como causa o afastamento da convivência conjugal.

Há queixas de cônjuges de que seu parceiro não lhe dá a devida atenção, pois está sempre ligado no celular, ou no computador. Ocorre seguidamente, que um parceiro está completamente envolvido com o uso de tudo que a tecnologia oferece, enquanto o outro não tem o mesmo entusiasmo. Deste ponto, podem surgir grandes diferenças de valores e interesses, levando o casal a viver distanciados um ao outro.

Percebemos como as pessoas, seguidamente, mostram dificuldades de relacionamento ligadas ao uso do telefone celular, como: “... Ela podia ter-me avisado que iria para a casa de sua mãe, antes de vir para casa... eu tenho celular,... podia ter-me avisado”. Ou “Eu deixei vários recados na secretária eletrônica (ou na caixa de mensagens) e ela não me respondeu ...”

Há, nos casais, uma maior impaciência ou exigência de um para com o outro, esperando respostas ou mudanças mais rápidas em seus sentimentos e comportamentos. Mesmo que possam ter tido experiências semelhantes em suas famílias de origem, sem dúvida este ritmo mais acelerado, de não ter muito tempo para esperar, é aprendido através do uso de toda uma nova tecnologia.

Atualmente, encontramos casos de separação conjugal motivados pela infidelidade virtual. O fácil acesso ao *cybersex* (sexo virtual) tem conduzido a novas dificuldades entre os casais. O fato de um dos cônjuges buscar alguma espécie de satisfação sexual através da Internet, provoca uma situação de segredo entre o casal. Desenvolver conversações através de *chats* implica na existência de alguém mais que faz parte da relação, ainda que a satisfação se realize no plano da fantasia, configurando-se, assim, em infidelidade. Segundo Guimarães, (1999), “a infidelidade virtual é uma nova forma de relacionamento que interessa ao Direito porque pode provocar a alteração dos vínculos formais e jurisdicizados”.

A tecnologia no campo da fertilização

O surgimento da inseminação artificial, fecundação “*in vitro*”, contribui para levantar diferentes questionamentos sobre os novos relacionamentos familiares. Devemos incluir também a nova possibilidade que “ameaça” o ser humano: a clonagem humana.

Um aspecto a ser levantado na inseminação artificial é se o doador do óvulo ou esperma será conhecido (em geral, irmãos, parentes ou amigos) ou não. De qualquer forma, isto pode provocar impacto no relacionamento do casal com o doador ou entre o doador e seu cônjuge. E, também, entre o doador e aquele para quem está sendo doado o óvulo ou o esperma.

Neste caso, a estrutura familiar pode sofrer uma triangulação diferente entre

aquele que é o progenitor biológico, o progenitor não biológico e o doador. Podem ocorrer situações de disputas pelo poder, sendo possível que o progenitor biológico sinta-se com mais direitos sobre o filho do que o outro.

Decorre desta situação, uma questão bastante delicada que é o fato de como revelar à criança sobre sua origem familiar. É adequado ou não se manter segredo sobre sua concepção?

Como a primeira fertilização *in vitro* ocorreu em 1978, ainda não se tem estudos mais longitudinais sobre as possíveis situações decorrentes desta prática.

Frente a estas questões, temos que refletir sobre o espaço que a tecnologia ocupa em nossas vidas e de que forma o relacionamento familiar deve se adequar a ela.

É necessário esclarecer que qualquer desses fatores apontados, podem ser encontrados em qualquer das configurações familiares existentes.

Mudanças no *status* da mulher e a dinâmica familiar

As mudanças ocorridas no *status* da mulher apresentam-se como fatores e como conseqüências de mudanças na dinâmica familiar.

É, sem dúvida, dentro da família que as condições atuais sociais, econômicas, emocionais são vivenciadas e que as relações entre os membros familiares são profundamente afetados. As mulheres encontram-se no cerne destas questões em virtude dos diferentes papéis que exercem nas diversas áreas da sociedade, como na saúde, educação, fertilidade, trabalho e na habitação. A autonomia da mulher bem como o seu desenvolvimento nestas áreas proporcionam-lhe uma nova posição dentro de suas famílias: a de tornarem-se *chefes de família*. Dessa forma, as mudanças na condição feminina geram modificações também nas funções masculinas.

A análise da posição da mulher como chefe de família pode ser estudada a partir de dois pontos de vista diferentes e complementares: tanto pode ser a origem como a conseqüência das mudanças familiares. Pode se caracterizar como origem, quando, por exemplo, a mulher tem um nível educacional mais alto do que seu companheiro desde o início da união, possibilitando-lhe assumir determinadas responsabilidades que lhe assegure a posição de chefe de família. Isto pode acontecer também, quando frente às características da personalidade de cada um dos membros do casal, a mulher assume a liderança da família com o pleno consentimento do companheiro. Como conseqüência, temos, por exemplo, a situação em que o homem por contingências sócio-econômicas perde seu emprego e a mulher assume a responsabilidade de manter a família, tomando a posição de chefe de família.

O fato das mulheres desenvolverem atividades fora do lar, proporciona-lhes a oportunidade de ampliar o seu campo de trabalho e, conseqüentemente, seus relacionamentos, o que também provoca modificações na organização da família, havendo uma maior liberdade de decisão e de ação por parte das mulheres. Podemos, assim, encontrar mulheres com um nível salarial e educacional mais elevados do que seus companheiros, assumindo o papel de mantenedoras da família, o que lhes confere um maior poder dentro de casa.

Bastos (1990) refere em um estudo realizado em 74 países, no final dos anos

70, que domicílios chefiados por mulheres variavam entre 10% a 48%. Estudos também revelaram que estas famílias apresentavam-se com características de pobreza. No Brasil, em 1989, dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio mostrou que 20,1% das brasileiras são chefes de família, abrangendo 7 milhões e 377 mil mulheres.

Atualmente sabemos que este número cresceu, mas esta estrutura familiar nem sempre se caracteriza dentro de parâmetros de pobreza. Muitas dessas famílias vivem em padrões razoáveis ou bons, devido ao fato das mulheres estarem dentro do mercado atual de trabalho e desenvolvendo suas capacidades de forma financeiramente produtiva.

Novos padrões familiares

A família pós-moderna, sem dúvida, modificou-se, assumindo novos padrões familiares. O fato a ser considerado é se estes novos padrões são decorrência do anteriormente conhecido ou são novos padrões surgidos na sociedade contemporânea. Segundo Vaitsman (1994), *"... o que caracteriza a família e o casamento numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas."*

Uma estrutura familiar que tem crescido em número é a formada por pais ou mães únicos, denominada **famílias monoparentais**. Estas famílias são decorrentes de divórcios ou separações, onde um dos pais assume o cuidado dos filhos e o outro não é ativo na parentalidade, ou famílias onde um dos pais é solteiro e o outro nunca assumiu a parentalidade.

Nas famílias monoparentais, encontramos um maior número de famílias formadas por mães e filhos, tanto mães separadas ou mães solteiras, constituindo-se, nestes casos, famílias em que a mulher é chefe de família. Não é raro encontrarmos mulheres, que têm uma boa capacidade financeira, que optam por terem seus filhos, sem estabelecerem um comprometimento com seus companheiros. Porém, o número de homens que assumem sua parentalidade sozinhos está crescendo, contribuindo para novos estudos decorrentes deste comportamento na interação dos papéis masculino-feminino.

As famílias monoparentais podem enfrentar algumas dificuldades que lhe são peculiares, justamente pelo fato, de um progenitor ter que assumir determinadas funções que normalmente são assumidas por ambos os progenitores. É importante que o progenitor presente possa assumir essas funções, desde que respeitando a questão de gênero, pois um pai nunca responderá da mesma forma que uma mãe o faria sobre alguma determinada questão ou vice-versa. A resposta verbal poderá ser a mesma, mas a postura, a linguagem não-verbal será pertinente ao gênero do progenitor. Há estudos que indicam que crianças que crescem nessas estruturas familiares, desenvolvem maior maturidade e capacidade de decisão.

A **família reconstituída** não é um fenômeno novo, porém o constante crescimento em números de recasamentos e as mudanças em sua natureza têm sido atribuídas a fatores econômicos e sociais. A crescente independência econômica das mu-

heres após a revolução industrial e as guerras mundiais. a mobilização social, a liberação sexual e a busca pela felicidade individual têm contribuído para que recasamentos rapidamente tornem-se uma estrutura familiar bastante comum hoje.

Freqüentemente, as famílias reconstituídas têm sido consideradas como frágeis ou instáveis, com dificuldades sociais, emocionais e econômicas. Esta percepção negativa sobre o recasamento se evidencia através da escassez de vocábulos adequados para novas situações surgidas e para as quais temos que buscar novos significados. Entretanto, devemos ter presente que, mesmo com os impasses que esta família enfrenta, nem sempre ela será conflituada ou com tendências a se dissolver.

Nessas famílias o relacionamento familiar amplia-se, pois há os filhos do casal original, há os filhos dos outros casamentos dos parceiros e, possivelmente, haverá os filhos do casal atual. Nesses relacionamentos surgem impasses quanto aos direitos e deveres de cada um, qual o papel a ser vivido por cada membro dessa família. As disputas entre os irmãos ou filhos dos casamentos anteriores podem levar o casal atual a graves conflitos.

Essa nova família necessita de um maior investimento de cada um de seus membros na elaboração de situações anteriores, para que possa desfrutar de um entendimento mais harmônico e saudável.

Outra forma de configuração familiar surgiu entre casais que preferiam não formalizar suas uniões, preferindo as **uniões consensuais** ao matrimônio legal. Esse tipo de compromisso é encontrado entre casais tanto em uma primeira união como entre casais que estão reconstituindo suas famílias. Atualmente não há discriminação aos casais assim constituídos.

Encontramos também aqueles casais que estão unidos, mas cada um vivendo em sua própria casa, de forma independente. Afirmam que desta forma preservam sua união. Muitas dessas uniões são resultado de pessoas divorciadas com filhos, que, desta maneira, procuram evitar conflitos entre os filhos de cada um e entre si com os filhos dos casamentos anteriores.

Uma configuração familiar que não se caracteriza como nova, mas acontece, em muitos casos, devido às mudanças sócio-culturais, é a formada por casais de adolescentes. Quando uma adolescente engravida, as decisões da formação dessa família passam a ser tomadas por mais pessoas além do casal de pais. Geralmente os pais da adolescente, de alguma forma, assumem o cuidado do bebê, pois o mais provável é que a filha continue morando com seus pais pela dificuldade do casal iniciar uma vida independente. Ocorre, muitas vezes, que o futuro pai fique distanciado do processo da gravidez e do nascimento, pois ele continua morando com seus pais e não consegue assumir a responsabilidade de ser, ele próprio, pai de seu filho. Mesmo que o novo casal de pais passe a morar junto ou case, as interferências das famílias de origem são maiores devido à própria imaturidade do casal, que necessita recorrer a seus pais para se sustentarem.

Atualmente, encontramos a estrutura familiar constituída por **casais sem filhos por opção**. Cada vez mais, os indivíduos avaliam suas necessidades individuais, priorizando sua vontade de satisfação pessoal. Há indivíduos que optam por uma maior ascensão profissional, uma maior independência social e financeira, não abrindo espaço para a vinda de filhos. Por outro lado, esta opção pode significar

uma dificuldade do casal em abrir este espaço, por relacionamentos insatisfatórios vividos com as figuras parentais

Como expressão de um processo de individualização em ascensão, encontramos as **famílias unipessoais** (Meler), denominação atual para aquelas pessoas que optam por ter um espaço físico individual, localizando-se estas principalmente nas grandes cidades. São vários os motivos que levam a esta escolha, como a busca pela independência individual, necessidade de estudar fora de seu lugar de origem, o surgimento de uma oportunidade de trabalho, ou mesmo, a necessidade em ter um espaço físico e emocional, onde não precisem, necessariamente, manter trocas emocionais vindas de um convívio compartilhado, evitando, portanto, os possíveis desentendimentos provenientes da vida em família.

Segundo Fisher (1995), o que é genuinamente novo na família contemporânea é o predomínio de pessoas solteiras e divorciadas, e de viúvos e viúvas vivendo sozinhos. Antes, as pessoas viúvas conviviam com os filhos adultos e netos sem tensões ou conflitos. Atualmente, quando dispõem de recursos e saúde, preferem viver em suas casas.

Este fato, de alguma forma, está contribuindo para formar-se um novo tipo de família: a **associação**, que são compostas por amigos sem grau de parentesco. Sem manterem relacionamento sexual, estas pessoas, que não têm filhos, reúnem-se para manter um convívio amistoso. Festejam feriados juntos, ajudam-se mutuamente, quando um adoecer. É hábito que datas importantes sejam comemoradas com sua família de origem. Desta forma, as pessoas nessas associações escolhem uma rede de parentesco baseada na amizade. Podem surgir novos termos de parentesco, novos tipos de seguro, novos planos de saúde, novos tipos de moradia.

Uma configuração familiar bastante polêmica é a formada por **casal de homossexuais**.

Ao assumirem uma relação estável, um casal de gays ou lésbicas, em princípio, passa por processo semelhante ao da formação que um casal heterossexual, porém com questões mais difíceis de serem elaborados. Há pressões e circunstâncias, mitos e realidades específicos que afetam estes casais.

O fato de ambos os parceiros serem do mesmo sexo, pode ser um facilitador para um maior entendimento entre eles. Há, porém, o perigo de se estabelecer uma fusão pela busca de uma complementação do eu no outro, e o desejo de melhorar a própria auto-estima.

Como qualquer outro, o casal homossexual necessita pertencer a um grupo social que o apóie. Acontece, freqüentemente, que a própria família do homossexual tem dificuldade em aceitar o seu parceiro, não os reconhecendo como casal constituído. Não raramente, o homossexual busca, então, compreensão através do convívio com outros homossexuais.

Assim como as uniões heterossexuais evoluem dentro de um ciclo vital, as uniões homossexuais também seguem dentro do ciclo vital, mas sem os rituais que demarcam as transições no relacionamento, como o casamento ou o divórcio. Para que isto se modifique, há mobilizações para que as uniões homossexuais sejam reconhecidas como legítimas perante a lei, com direitos semelhantes àqueles conferidos a uma união heterossexual.

Uma dificuldade relevante para as uniões de homossexuais é a questão dos filhos e isto, certamente, não será minimizado mesmo com a legalização da união. O casal tem filhos, quando um dos parceiros já teve uma união heterossexual. Todavia, já há casos de adoção realizadas por casais homossexuais. Um fator a considerar é a questão da preservação da privacidade do casal homossexual frente aos filhos. Privacidade e segredo, em muitas famílias de homossexuais, mostram-se entrelaçados. Outra questão a pensar, é sobre a própria identificação sexual dos filhos.

Para muitos homossexuais, as ansiedades frente ao perigo de contrair AIDS, levou-os, também, a optarem por uma relação estável, compartilhada, portanto mais segura. O horror à doença modificou, em parte, o comportamento das famílias de origem dos homossexuais, proporcionando que as mesmas passassem a aceitar mais facilmente a união homossexual de seus filhos, apesar de não ser uma aceitação pública ainda.

Considerações

A família, nesta época de tantas modificações, muitas vezes vê-se confusa em suas próprias transformações. O ser humano, ao nascer em um sistema familiar, recebe todas as influências culturais do momento em que vive, acrescidas das informações transmitidas através das gerações por seus ascendentes. Necessita, então, poder elaborar em si mesmo os novos comportamentos, idéias, sentimentos, valores, etc. integrando-os adequadamente aos recebidos transgeracionalmente.

O terapeuta estando, igualmente, inserido no contexto sócio-cultural, passa pelas mesmas transformações. Isto possibilita ao profissional estar aberto para entender os novos padrões interacionais, estudá-los e interiorizá-los para poder construir novos conceitos e compreender as diferentes narrativas familiares.

Referências

- Ariès, Philippe (1978). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Barolo, I. F.; Goldschlager, N.; Glusman, M. E. & Said, A. S. (2001) Vínculos familiares y realidad social. Interjuego dialectico. *Flapag*. Retirado em 04/03/2001. Disponível no World Wide Web em <http://www.psinet.com.ar/rif6/823.htm>.
- Bernstein, Anne C. (2000). Reconstruyendo a los hermanos Grimm: nuevas narraciones para la vida de las familias ensambladas. *Sistemas Familiares*, 16(1), 23-37.
- Bucher, Júlia S. N. F. (1999). O casal e a família sob novas formas de interação. In Feres-Carneiro, T. *Casal e família: entre a tradição e a transformação* (pp. 82-95). Rio de Janeiro: Nau.

- Carter, B. & McGoldrich, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, M. C. Brant. (org.) (2000). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez.
- Fisher, Helen E. (1995). *Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio*. Rio de Janeiro: Eureka.
- Guimarães, Marilene (1999). Adultério e infidelidade virtual. *Del Rey, Revista Jurídica*, 3(7), dez., 27.
- Guimarães, Marilene (08/06/2001). *A família na atualidade: de que família estamos falando?* Conferência proferida no III Encontro Gaúcho de Terapia Familiar, Porto Alegre, AGATEF.
- Imber-Black, Evan (2000). The new triangle - couples and technology. In PAPP, Peggy *Couples on the fault line: new directions for therapists*. New York: Guilford.
- Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir.
- Laing, R. D. (1983). *A política da família*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Lévi-Strauss, Claude (1982). *As estruturas elementares do parentesco*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Meler, Irene (s. d.). *Famílias en transición: nuevas estrategias terapéuticas*. Conferência proferida no X Congreso Argentino de Psicología.
- Pereira, R. C. *Direito de família do século XXI*. Retirado em 04/03/2001. Disponível no World Wide Web: <http://www.inteligentiajuridica.com.br/artigos/artigo1-olddez2000.html>
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.